

Autoria em processo de produção de texto coletivo a partir dos gêneros da ordem do argumentar.

Vinicius Varella Ferreira
UFPE

Resumo

Este ensaio apresenta as implicações da autoria no processo de produção de texto coletivo, por meio dos gêneros da ordem do argumentar (Schneuwly e Dolz, 2004), no que se refere ao desenvolvimento da produção textual escolar, visto que tais gêneros podem proporcionar níveis de interação de discussão mais complexos e produtivos. Conceitos como de autoria (Fernandez, 2001), texto (Costa Val, 1999) e gêneros da ordem do argumentar (Schneuwly e Dolz, 2004), são apresentados com o intuito de fundamentar a idéia de que, por meio da interação e mediação propostas durante o processo de produção de texto coletivo, pode-se desenvolver no aluno a construção de sua autoria. Neste sentido, sugere-se o trabalho com texto coletivo para que se estudem os processos de autoria por meio da interação.

Palavras-chave: autoria, texto coletivo, argumentar.

Abstract

This essay presents the implications of authorship in the process of producing collective text through argumentative genres (Schneuwly and Dolz, 2004). More specifically, the paper deals with the development of school text production, considering that these genres can provide more complex and productive levels of interaction in discussions. Concepts like authorship (Fernandez, 2001), text (Costa Val, 1999) and argumentative genres (Schneuwly and Dolz, 2004) are used in order to substantiate the idea that, through interaction and mediation of proposals during the process of production of the collective text, learners can build up their own authorship. For this reason, it is suggested that the work with collective text be conducted so that the processes of authorship through interaction can be studied.

Keywords: authorship, collective text, argumentation

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo propor a discussão sobre a construção da autoria do aluno no momento de produção de texto, mais especificamente na produção de texto coletivo.

Entendemos que por meio da produção de texto coletivo podem ser desenvolvidas no aluno capacidades que o possibilitem ir além da simples prática de produção textual, conforme aponta Guerra (2009:57):

No processo da produção coletiva do texto, a interação é um elemento essencial e se apresenta em duas esferas: a primeira, na interação entre as pessoas do grupo que está produzindo o texto (os alunos e o professor), e a segunda, na interação que esse grupo estabelece com o interlocutor (destinatário) do texto.

Da mesma forma, através da produção de texto coletivo pode-se desenvolver no aluno a capacidade de argumentação durante a produção de suas ideias, fazendo com que se construa sua autoria.

Neste sentido, trataremos, especificamente, sobre a produção de texto coletivo, analisando a interação entre os alunos e com o professor e o papel de cada um como autor do texto produzido.

Começaremos por apresentar conceitos de autoria e como ela se constrói no momento de produção. Seguimos para a conceitualização sobre gêneros da ordem do argumentar, proposta por Schneuwly e Dolz (2004). A indicação do uso de gêneros desta ordem deu-se para facilitar o processo de interação e negociação presentes na produção de texto coletivo. Mais adiante, finalizando este ensaio, apresentamos as implicações da autoria na produção de texto coletivo.

AUTORIA

De acordo com Saconni (2001:104) autor é “aquele que escreve e publica (...) aquele que é a causa ou a origem de alguma coisa; aquele que é responsável por um ato”. Já para Dubar (2004), esta definição se amplia e o mesmo aponta que há diferença entre o autor e o agente, pois, segundo ele:

O autor, ao contrário do agente, vê sua atividade reconhecida NO TEMPO e passa de um simples produtor de um ato ao responsável, proprietário dos seus atos considerados como criativos, e, portanto, capaz de “professar” (...) a legitimidade dos seus atos. O indivíduo singular é, assim, considerado ao mesmo tempo como um produto das suas experiências passadas e um produtor das suas antecipações do futuro, um *autor* do seu relato. (p.64)

Identificar o sujeito como autor é apontá-lo como produtor-enunciador do discurso que, através da exposição argumentativa de suas ideias, induz e permite uma articulação entre os aspectos sócio-históricos que o cercam, a construção pessoal, a socialização e as estratégias organizadas do que dizer/escrever.

Ao manifestar-se no processo de produção textual (por meio da exposição de enunciados orais ou escritos - Bakhtin, 2000), o autor está caracterizando a sua autoria. Fernandez (2001:90), ao estudar o processo de autoria do pensamento, define autoria como “o processo e o ato de produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção. (...) Um sujeito que não se reconheça autor pouco poderá manter sua autoria”.

Dessa forma, podemos afirmar que a autoria é o reconhecimento do indivíduo como autor do texto produzido e que o autor é o proprietário do ato criativo, é aquele que produz o texto, colocando em evidência a sua ação sócio-discursiva.

O processo de autoria está diretamente associado ao contexto de produção, que pode influenciar no momento da produção (positivamente ou não), e também à definição do destinatário, para quem dizer/escrever. Ter-se explícito quem é o seu destinatário define o modo como será produzido o texto: as formas como deve se dirigir a alguém; a linguagem que será usada; ser mais ou menos formal; o gênero que deverá ser usado. Neste sentido, podemos citar Bakhtin (2000) quando afirma que:

Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado. As diversas formas típicas de se dirigir a alguém, e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso. (p.325)

Portanto, concebemos o autor como produtor-enunciador do discurso; ele expõe suas ideias por meio da articulação entre os aspectos sócio-históricos que o cercam, onde o contexto de produção e o destinatário tornam-se elementos imprescindíveis para a concepção da autoria de um texto, afinal, estes elementos auxiliam no processo de autoria, inclusive podendo comprometer a qualidade no diz respeito à textualidade (coerência e coesão) do texto produzido.

GÊNEROS DA ORDEM DO ARGUMENTAR

Schneuwly e Dolz (2004) organizaram os gêneros definindo-os em cinco agrupamentos. E sobre esta organização expõem que os gêneros:

não são estanques uns em relação aos outros; não é possível classificar cada gênero de maneira absoluta em um dos agrupamentos propostos; no máximo, seria possível determinar certos gêneros que seriam os protótipos para cada agrupamento e, assim, talvez particularmente indicados para um trabalho didático. (p.60-61)

Os agrupamentos são da ordem do: narrar, relatar, expor, descrever ações e argumentar. Neste ensaio, optou-se pelo estudo dos gêneros da ordem do argumentar, afinal expressam, segundo Schneuwly e Dolz (2004), “discussão de problemas sociais controversos, sustentação, refutação e negociação de tomada de posição.” A escolha por tal gênero se deu por sua característica específica de propor discussão, interação, mediação e negociação durante a produção de texto, ou seja, característica presente e marcante na produção do texto coletivo. Contudo, em hipótese alguma, excluem-se os benefícios e resultados positivos que possam ser alcançados em gêneros de outra ordem ou produzidos de outra forma, porém, tal gênero acomoda-se convenientemente aos preceitos deste trabalho, que busca a reflexão sobre autoria no texto coletivo.

Para reforçar a assertiva acima, Guerra (2009) usa como exemplo as pesquisas de Souza (2003) – que mostra que, desde o início do processo de alfabetização as crianças já conseguem produzir textos argumentativos; e Leal (2003) – que comprova que a capacidade de produzir textos escritos da ordem do argumentar está latente em crianças entre 8 e 12 anos. Assim, apontamos para a importância da inserção do trabalho com a produção de textos de gêneros da ordem do argumentar desde os primeiros anos do Ensino Fundamental.

A argumentação na produção de texto coletivo se constrói no processo de interação onde os alunos defendem seu ponto de vista, opinam, concordam e/ou discordam do que o outro apresentou como ideia. O aluno, ainda, pode acrescentar informações às ideias expostas por outro aluno e, também, se apropriar das ideias daquele que, de alguma forma, não manifestou sua participação efetiva no momento de produção do texto coletivo. Neste sentido, pode-se enriquecer muito mais as ideias do texto, o vocabulário e o trabalho em equipe, possibilitando, inclusive, o desenvolvimento tanto intelectual (cognitivo) quanto social (sociointeracionista).

Entendemos a argumentação como uma atividade sócio-discursiva e por isso consideramos que existem alguns gêneros textuais que se caracterizam pela presença mais marcante de estratégias argumentativas (Leal e Moraes, 2006). Estes autores apresentam aspectos abordados em sua pesquisa presentes nos gêneros argumentativos: as controvérsias (ideias passíveis de refutação); a relevância; a suficiência.

Na controvérsia observam-se as diferentes manifestações das ideias, podendo gerar conflitos. Neste caso, devem ser elencadas estratégias argumentativas de tal modo que todos os interlocutores sejam ouvidos e, possivelmente, atendidos. Todavia, será que conseguimos atender a todos os alunos no momento de produção coletiva?

A relevância está diretamente ligada à justificativa apresentada para o ponto de vista de quem expressa a idéia. Já a suficiência expressa a força da justificativa, ou seja, este é o momento em que se avalia se a justificativa é suficiente para fundamentar a ideia exposta, ou seja, quais ideias farão parte do texto coletivo, de tal forma que torne o aluno autor desta produção. Leal e Moraes (2006:22) apresentam ainda que em alguns “casos, torna-se necessário argumentar através de diferentes vias, de forma a que as restrições, mesmo não sendo completamente refutadas, não sejam mais importantes que as justificativas apresentadas”.

Desta maneira, verifica-se que os aspectos apresentados sobre as estratégias de argumentação giram em torno do interlocutor através da expressividade de suas ideias (ponto de vista, opinião), das relações sociais (interação) e das justificativas sobre suas ideias (defesa de seu ponto de vista). Logo, no processo de produção de texto coletivo, o aluno, para se tornar autor, deverá desenvolver estratégias discursivas em que suas argumentações sejam fortes o suficiente para que sejam aceitas pelo grupo, de tal modo que o torne autor do texto produzido coletivamente. Caso seja necessário, ainda deverá formular justificativa com tamanha expressividade que garanta sua autoria.

Em suma, propõe-se o trabalho com gêneros da ordem do argumentar na produção de texto coletivo para que sejam desenvolvidas no aluno estratégias argumentativas, mediações e negociações por meio da interação, de tal modo que consiga se estabelecer como autor do texto produzido coletivamente.

AUTORIA NA PRODUÇÃO DE TEXTO COLETIVO

O objetivo principal deste ensaio é o de identificar as implicações da autoria na produção de texto coletivo. Desta forma, a questão que se tornou o problema gerador deste estudo foi: “*Quais são as implicações da autoria na produção de texto coletivo*”?

Iniciaremos definindo *texto* pela necessidade e dificuldade encontrada em lidar com tal conceito em sala de aula. Para isso, foram analisadas algumas definições como as de Guimarães (1999), Koch (2008) e Costa Val (1999). Seleccionamos para nortear o presente ensaio a definição de Costa Val (1999:3-4):

Pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. (...) São elementos desse processo as peculiaridades de cada ato comunicativo, tais como: as intenções do produtor; o jogo de imagens mentais que cada um dos

interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso; (...)

Esta definição foi adotada por dois motivos fundamentais: a) por explicitar a relação entre os interlocutores como algo importante e necessário na produção de texto, fortalecendo a ideia de se trabalhar com a produção de texto coletivo e; b) as peculiaridades citadas sobre as intenções do produtor e seus jogos mentais na produção de ideias, atitude que o caracterizará (ou não) como autor do texto produzido.

Seguindo a mesma ideia e concordando com Guerra (2009:32), entendemos que a produção de textos é uma atividade social na qual o produtor é um sujeito ativo, que se esforça para atingir suas metas (objetivos), pois ao escrevermos estamos interagindo e agindo na sociedade.

Nesta direção, Leal (apud Costa Val e Gladys Rocha, 2003) afirma sobre o processo de ensino de produção de texto que:

(...) requer pensar, em primeiro lugar, que um texto produzido por um aprendiz manifesta-se como o produto de um sujeito que, a seu modo, através das diversas possibilidades e formas de linguagem, busca estabelecer um determinado tipo de relação com o seu interlocutor. (p.54)

Na produção de texto coletivo é possível perceber as diferentes vozes (polifonia) presentes no discurso no ato da produção textual, porém, há o envolvimento de todos? E, ainda, todos exprimem suas idéias a tal ponto de serem ouvidas e atendidas todas as vozes (argumentações) presentes no discurso no momento de produção do texto coletivo?

Acreditamos não ser possível contemplar, literalmente, as ideias de todos os alunos, pois o texto coletivo apresenta resumo das ideias da maioria - contribuição dos alunos, organizando uma única ideia para ser escrita - ou as ideias individuais mais significativas.

A intenção em produzir ideias a cerca de um determinado tema para a produção de texto coletivo torna-se tarefa conjunta do professor com os alunos e dos alunos entre si. Assim, todos passam a se preocupar em buscar as melhores palavras que formarão frases para a construção do texto. Texto este que deve ser a expressão das ideias do grupo, visto que a proposta é o texto coletivo. O professor é o responsável em iniciar a produção, mesmo que indiretamente, por meio de seus comandos – sugestão do tema; as

primeiras palavras; a primeira frase; sugestões de caminhos a seguir. Neste sentido, o professor torna-se co-autor do texto produzido.

Iniciado o processo de produção de texto coletivo, estabelece-se uma relação na qual os impulsos, os conflitos, as divergências de ideias, os interesses, as opiniões, as características de personalidade de cada aluno emergem naturalmente, encadeando debates e exteriorizando seus pontos de vista.

A interação entre os alunos para produção do texto coletivo é indispensável, principalmente para que possam expor e defender suas ideias construindo sua identidade como autor. Nesta mesma ambiência reflexiva, Guerra (2009:57, citando Perret-Clemont) expõe que:

A reflexão sobre o papel da interação na prática de produção coletiva de textos é indispensável, pois como indica Perret-Clemont (1979), situações nas quais as crianças precisam coordenar entre si ações ou confrontar opiniões podem provocar modificações na estruturação cognitiva e na capacidade de resolver problemas. Acreditamos que, em interação, as crianças passem a explicitar os conhecimentos e apreendam estratégias de coordenação entre as atividades necessárias à produção de um texto.

Diante do exposto, percebe-se que a produção de texto coletivo pode servir para que o aluno tome para si a responsabilidade na geração de ideias, e também desenvolva o senso de negociação. Observamos que o aluno poderá desenvolver processos de construção de sua própria autoria por meio da mediação e negociação, características marcantes na linguagem. Neste sentido, Coll e Onrubia (1998:79), reforçam esta ideia quando afirmam que:

(...) a construção do conhecimento apóia-se, de maneira primordial, no uso de um amplo conjunto de instrumentos simbólicos e na interação com outras pessoas (...). Entre estes instrumentos simbólicos de mediação, a linguagem ocupa um lugar privilegiado devido a sua dupla função representativa e comunicativa. Esta dupla função possibilita que as pessoas possam, através da linguagem, tornar públicas, comparar, negociar e, finalmente, modificar as suas representações da realidade no transcurso das relações que mantêm com outras pessoas (...).

Observa-se, também, que cada aluno organiza a sua própria base de orientação (situação interna, criada a partir do contexto de interação), que pode ser modificada à medida que haja necessidade e a partir das mudanças do contexto social e material da atividade (Schneuwly, 1988).

Portanto, na produção de texto coletivo observa-se a autoria de vários autores em um mesmo texto. Contudo, cada autor, terá uma participação diferenciada: uns com mais contribuições que outros e até mesmo aqueles cuja autoria é negada, visto que não

manifestam suas ideias no momento de produção do texto, ou que não consigam sustentar sua argumentação, deixando de se tornar autor do texto produzido. Com as pistas encontradas neste tipo de estudo, pode-se ampliar as práticas de produção de texto na escola de forma mais eficiente e produtiva para a construção do conhecimento dos alunos, tornando-os, de fato, autores do texto produzido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da produção de texto coletivo pode-se desenvolver no aluno a capacidade de argumentação durante a produção de suas ideias, contribuindo para construção de sua autoria, ao mesmo tempo em que o professor contribui e intervém nesta produção, incentivando o aluno a argumentar cada vez mais sobre suas ideias.

Desta forma, os processos interativos e comunicativos presentes na produção do texto coletivo contribuem de forma sistemática em sala de aula, facilitando a mediação e a negociação na busca da autoria do aluno. Estes processos podem contribuir de forma positiva na produção de texto coletivo, visto que, ao manifestarem suas ideias em grupo, diante de um único tema, os alunos buscam a valência de sua opinião de tal forma que este aluno se caracterize como autor. Neste caso, os processos de interação/mediação/negociação/argumentação são de suma importância na construção de sua autoria no momento de produção textual.

REFERÊNCIAS

Bakhtin, M. (2000). *Estética da Criação Verbal*. 3ª ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes.

Coll, C. & Onrubia, J. (1998). A construção de significados compartilhados em sala de aula: atividade conjunta e dispositivos semióticos no controle e no acompanhamento mútuo entre professor e alunos. In.: Coll, C. & Edwards, D. *Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula*, 75-106. Porto Alegre: Artmed.

Costa Val, M. G. (1999). *Redação e Textualidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Dolz, J. & Schneuwly, B. (2004). Gêneros e progressões em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In.: R. Rojo & G. S. Cordeiro (trad. e org.). *Gêneros orais e escritos na escola*, 35-60. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

_____(2004). Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In.: R. Rojo & G. S. Cordeiro (trad. e org.). *Gêneros orais e escritos na escola*, 61-78. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

Dubar, C. (fev. 2004). *Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo*. Artigo apresentado no Primeiro Congresso da Associação Francesa de Sociologia. http://publique.rdc.puc-rio.br/desigualdade/versidade/media/Dubar_desdiv_n3.pdf
Acesso em 21/06/2010.

Fernandez, A. (2001). *O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autoria de pensamento*. Porto Alegre: Artmed.

Guerra, S. É. M. S. (2009). *Produção coletiva de carta de reclamação: interação professoras/alunos*. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE.

Guimarães, E. (1999). *A articulação do texto*. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática.

Koch, I. V. (2008). *O texto e a construção dos sentidos*. 9ª ed. São Paulo: Editora Contexto.

Leal, L. de F. V. (2003). A formação do produtor de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In.: G. Rocha, & M. G. Costa Val. *Reflexões sobre práticas escolares de produção de textos: o sujeito-autor*, 53-67. Belo Horizonte: Autêntica.

Leal, T. F. & Moraes, A. G. de (2006). *A argumentação em textos escritos: a criança e a escola*. Belo Horizonte: Autêntica.

Sacconi, L. A. (2001). *Dicionário essencial da língua portuguesa*. São Paulo: Atual.

Schneuwly, B. (1988). Les operations langagieres. In.: Schneuwly, B. *Le languageecrit chez l'enfant*. Paris: Delachaux & Niestle.

O AUTOR

Vinicius Varella Ferreira é mestrando em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor bolsista Capes/UAB do curso de graduação em Letras na modalidade EaD na UFPB, professor formador na Prefeitura de João Pessoa/PB e assessor de projeto de formação em alfabetização pelo CEEL na prefeitura de Camaragibe/PE.

E-mail: vinicius.varella@uol.com.br